

# Alfabetização de Crianças, Jovens e Adultos no Município de Diadema

Zilda Márcia Gricoli Iokoi

Doutora em História e Professora do Departamento de História da FFLCH – USP.

Presidente da Associação Nacional de História – ANPUH.

Coordenadora do Projeto de Pesquisa História Local nos Processos de Alfabetização de Crianças, Jovens e Adultos no Município de Diadema, financiado pela FAPESP (1996-2000)

Os debates sobre alfabetização no Brasil contam com longas tradições, especialmente aquelas oriundas dos processos de letramento, centradas na inclusão social, onde o sujeito da ação educativa deve ser considerado como portador de um conhecimento complexo, resultado do seu vivido, da cultura da, experiência nas trajetórias de cada um, em sua relação com o lugar e com as histórias de vida. Não seria demais lembrar os trabalhos de Maria José Werebe<sup>1</sup>, Paulo Freire e Anísio Teixeira, que dedicaram grande parte de suas vidas na busca de soluções adequadas para o enfrentamento da questão.

Deve-se ainda ressaltar que as campanhas de alfabetização e os movimentos de ampliação das redes escolares, cujo cresci-

mento é contínuo desde o final dos anos 60, não eliminaram o problema do analfabetismo, como pode ser observado pelos censos educacionais e nos dados do próprio Ministério da Educação, cujas cifras elevadas tornam o problema um desafio para todos os interessados na superação dessa marca da exclusão. É inconcebível para um país como o Brasil, cujo anseio de desenvolvimento aparece nos discursos políticos de diferentes partidos, a fragilidade das políticas públicas destinadas a atender a essa expectativa de direito, não enfrentada com a seriedade necessária.

Uma das questões analisadas neste trabalho é a inadequação das metodologias escolares quando elas se referem ao ensino de jovens e adultos que não puderam ser escolarizados pelo sistema regular. A carência de espaços adequados, de materiais de trabalho e mesmo os preconceitos dos educadores em relação a esses alunos são significativos.

<sup>1</sup> WEREBE, M. J. *Grandezas e Misérias do Ensino no Brasil*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968.

A formação dos professores centrada em modelos homogêneos de enfrentamento da realidade escolar, via de regra, aparece como um obstáculo na relação entre educadores e educandos, uma vez que o sentido preceptor do magistério produz de imediato um afastamento entre as partes, já que os jovens e adultos possuem valores consolidados, experiências de vida desconhecidas pelos professores e formas de manifestação verbal e simbólica particulares. Desse modo, o auto-reconhecimento e a dialogia passam a ser centrais para que se crie um processo de comunicação entre as partes<sup>2</sup>. O pensamento dialógico permite a recuperação dos elementos constitutivos da cultura popular e da erudita, que podem ser resgatadas nos muitos pontos de conexão existentes entre elas, assim como a cultura letrada e a verbal são simbioses de um reconhecimento mútuo da diversidade.

É extremamente rico na literatura brasileira o diálogo entre o rural e o urbano, entre o regional e o central, entre os camponeses e os fazendeiros, entre o norte e o sul. De certo modo, esse diálogo complexo foi muito bem estudado pelos modernistas e por Mário de Andrade, em particular. Mas, como ignorar as preocupações de Monteiro Lobato, traduzidas inicialmente como um movimento de incompreensão sobre o caipira, tão bem elucidado por Antonio Candido?<sup>3</sup> Esse encontro, entre o intelectual e as tradições, entre os contemporâneos e o passado, entre as representações e a crítica, está presente na obra de João Guimarães Rosa<sup>4</sup>, permitindo a constituição de um rico campo lingüístico do centro-oeste brasileiro, o reconhecimento de um complexo de relações sociais e de fato a cultura popular ser a chave para o entendimento do país, campo de

<sup>2</sup> FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

<sup>3</sup> ANDRADE, M. *Macunaíma*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1944. LOBATO, M. *Mister Slang e o Brasil*. Rio de Janeiro. Cia Ed. Nacional, 1927; CANDIDO, A. *Os Parceiros do Rio Bonito*. Rio de Janeiro, José Olympio Editores, 1964.

<sup>4</sup> ROSA, J. G. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, José Olympio Editores, 1965. *Manuelzão e Miguelim*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

investigações acadêmicas, com vistas a um melhor entendimento da história e do significado do povo brasileiro.

O sentido desse debate, presente nas preocupações teóricas e de pesquisa do grupo de trabalho que se organizou, de modo muito dinâmico, numa experiência de parceria entre o serviço de Educação de Diadema, o Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. A existência, nas duas pontas do sistema, de demandas por alfabetização, na fase pré-escolar e na suplência de adultos, aliada aos baixos resultados obtidos no processo educacional geral, fez com que a parceria definisse no programa de políticas públicas um movimento de pesquisa que respondesse ao desafio de encontrar novos caminhos para o desenvolvimento das metas de alfabetização, relacionando, num movimento de dupla mão, tanto os alfabetizados como os alfabetizadores, cada um dependente de conhecimentos novos sobre o outro e de um modo especial de entender a si, os outros e o próprio lugar. Desse movimento iniciou-se a busca de explicitação dos desejos e das necessidades de cada uma das partes envolvidas e, através do diálogo comum, a oralidade apareceu como um componente interessante de entendimento do conhecimento até então pouco explorado e mensurado na avaliação sobre a alfabetização.

Assim, a pesquisa sobre o vivido e sobre o lugar informou as atividades de cada um dos membros do projeto, permitindo o reconhecimento da cidade (os múltiplos estudos do meio realizados) e dos estudantes (histórias de vida).

O município de Diadema, constituído por população oriunda de diferentes regiões da Europa e do nordeste brasileiro, apresenta um cotidiano rico de experiências culturais importantes para o desenvolvimento do sentido de pertencimento e para a constituição dos vínculos identitários tão significativos no desenvolvimento educacional. Grupos de imigrantes italianos, nas décadas de 1920 e 1930, instalaram-se na região do Grande ABC, como trabalhadores de olarias e de indústrias de

cerâmicas, como a São Caetano; organizaram armazéns-gerais como os da família ducca, cujas ruínas ainda são reconhecíveis pelos moradores daquela cidade; dedicaram-se a uma série de serviços de alfaiates, sapateiros, serralheiros, marceneiros etc. Ao lado de alguns alemães, encontram-se ainda espanhóis, judeus do leste europeu e, mais recentemente um grande grupo de japoneses ocupando extensas áreas no município. Desde os anos 40 do século passado, migrantes de diferentes estados do Brasil também afluíram para aquela localidade, atraídos pelas indústrias que ali se instalaram. Esses trabalhadores foram responsáveis pelo incremento de um pólo de desenvolvimento capaz de acomodar o complexo industrial automotivo e as indústrias complementares, como o setor de autopeças, cuja pujança hoje reflui com a política de desindustrialização promovida pela abertura de mercados aos setores similares multinacionais e pela flexibilização tanto da estrutura produtiva reorganizada no modelo toyotista, como da economia garantida pelos Planos Collor e Real.

Verificou-se pelo Censo de 1990 um percentual de 60% de nordestinos na composição populacional de Diadema. Esses migrantes passaram a viver o fenômeno do não-pertencimento, uma vez que as relações afetivas, simbólicas e de reconhecimento do espaço, perdidas com o deslocamento de seus lugares de origem, deveriam ser recriadas em Diadema, compondo um novo espaço social onde o rural penetrava no urbano e o Nordeste no Sudeste. Vestimentas, alimentação, modo de falar foram sendo recriados com a união dos valores de origem com os novos. A reinvenção das tradições permitia que o Nordeste aparecesse não como um lugar da pobreza, da seca e da fome, mas como um lugar da alegria, da festa e das relações interpessoais perdidas na cidade grande, fria no clima e no acolhimento ao que chegava de fora. Com os novos moradores, os da cidade também foram percebendo a beleza da cultura sertaneja e aprendendo novos modos de viver, comer e amar, criando elos identitários através de novas articulações, descobertas e sociabilidades.

Desse modo, pode-se perceber que na experiência de formação da própria cidade, os espaços passaram a ser ocupados por grupos de afinidades culturais que definiram o urbano em sua concentração e expansão. Na região da represa Billings, no bairro do Eldorado, por exemplo, as primeiras ocupações foram sendo feitas por população de origem alemã que ali se instalou em chácaras de lazer para finais de semana. Às margens da represa, estaleiros de alemães desenvolveram uma intensa atividade náutica que, ao mesmo tempo, permitiu um grande dinamismo para o local e sua própria desagregação, já que a ocupação se fazia sem qualquer cuidado ambiental da área de manancial. Interessavam o uso da praia, os esportes náuticos, a presença de novas formas de assimilação de trabalhadores que foram ocupar a represa do Eldorado a partir dos anos de 1950. O caso da família Buckup é ilustrativo desse processo e acabou estimulando um grande grupo de jovens a freqüentarem o local, como Mario, um dos seus descendentes, representando o Brasil nas atividades náuticas<sup>5</sup>.

A região central de Diadema, o núcleo mais antigo, foi formada a partir do loteamento que remonta a década de 1920. Entre esses dois pólos um emaranhado desordenado de tecido urbano foi-se formando a partir dos fluxos migratórios da cidade-dormitório que originou o município. Memória e história, fragmentos de experiências dispersas, a cidade padecia de articulação entre as várias demandas e o abandono do poder público. Essas necessidades de moradia, saúde pública, saneamento e educação foram sendo expressas por articulações de movimentos sociais que cresceram ao longo dos anos 70, no bojo da organização das lutas operárias do grande ABC, resultantes de longo processo de resistência operária, tanto em relação ao controle sindical, como ao sindicalismo atrelado aos patrões e mediado pelo Estado.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Mario Buckup foi campeão paulista, brasileiro e latino-americano de velas.

<sup>6</sup> Ler: MARONI, Amnérís *Estratégia da Recusa*, São Paulo, Brasiliense, 1982; ANTUNES, Ricardo *Rebeldia do Trabalho*, São Paulo, Cia. das Letras, 1986; SADER, Éder. *Quando novos personagens entram em Cena*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.



Desse processo de exigência por serviços públicos, a educação foi um dos níveis que recebeu maior impactação, onde as reflexões críticas permitiram não apenas o entendimento da gênese dos processos de desagregação entre o morador e a cidade, mas entre os moradores e as suas experiências históricas. A estratégia de agregação permitiu a combinação dos elementos das histórias de vida e da formação da cidade na reconstituição dos nexos afirmativos de pertencimentos.

Desse modo, uma das metas elaboradas nessa perspectiva deveria combinar a pesquisa histórica da formação dos lugares e a história oral de vida dos moradores, de tal modo que esse encontro permitisse a formulação de projeto de alfabetização centrado nos elementos da *comunicação* no sentido expresso pelo pensamento educacional de Paulo Freire<sup>7</sup>. Evidentemente, a formulação desse projeto respondeu a demandas de educadores e de diferentes mediadores, mas também, aos cidadãos que inicialmente manifestaram-se pela exigência da educação infantil e pré-escolar como política de apoio às mães trabalhadoras (Creches e EMEIs) e, posteriormente de Suplência para jovens e adultos. Em ambos os casos, a formulação do projeto exigiu um debruçamento sobre o tema do alfabetizado e do analfabeto.

## A gênese do conceito

As discussões sobre o analfabetismo ganharam impulso a partir dos anos quarenta, quando Lourenço Filho e Clementi Mariani passaram a participar de discussões para a formulação do Projeto Principal da unesco, de educação para a América Latina, organizado no pós-guerra. Tratava-se de um movimento dos países – membros que deveria redefinir o conceito de analfabeto, ampliando o sentido do termo para além do letramento. Das discussões oriundas dessa relação, o Brasil organizou a Campanha de Alfabetização em 1947, cujo projeto deveria articular diferentes setores da sociedade civil na irradiação do pro-

grama, formulado para atingir três mil pessoas em todo o país.

Desse processo, foi criado o Movimento de Educação de Base pelo Ministério da Educação, na gestão Clementi Mariani e, conveniada, Igreja Católica, para ser a organizadora do processo, a partir de programas de educação rural através do rádio. A Igreja estruturou através de um amplo sistema de monitores as formas organizativas de um reconhecimento da realidade social do aluno, com objetivos de estabelecer um processo comunicativo que garantisse eficácia à ação educativa.

Nesse quadro alterou-se o processo de ensino, até então organizado com vistas ao adestramento profissional, para um novo sentido à ação educativa, especialmente a partir de um outro modo de entendimento da relação entre o educador e o educando, como interação e troca de conhecimentos. A ação desenvolvida pelo ministério objetivava um treinamento técnico para o trabalho, definição de valores morais e familiares, na lógica do pensamento cristão, de modo a se obter um padrão de organização social que fosse mais próximo do entendimento do urbano e do sentido atribuído pelas elites culturais à civilização e ao progresso. O programa dirigido pela Igreja Católica motivou muitas discussões, entre as quais, aquela encaminhada pelos próprios organismos internacionais que se esforçaram por redefinir sentidos de alfabetizado e analfabeto.

Desse debate, diferenciou-se o projeto desenvolvido por Paulo Freire, que propugnava um processo educacional libertador e realizador da incorporação dos valores culturais da própria população e dos elementos significativos do seu vivido, como temas centrais a serem incorporados na linguagem escrita.

Não se tratava, desse ponto de vista, de um processo iluminista que opunha civilização *versus* barbárie, mas do reconhecimento de atributos e valores culturais no modo de vida dos trabalhadores, camponeses, donas de casa, crianças e todos aqueles que compõem o complexo quadro populacional do país. Freire, opondo-se à visão dual do pensamento tanto dos cepa-

<sup>7</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo, Brasiliense, 1978.



linos quanto de outros setores da esquerda que entendiam ser a exclusão social e cultural oriunda do modelo de desenvolvimento econômico e não do subdesenvolvimento, decorrência do atraso das populações que se dedicavam ao trabalho rural e aos migrantes e retirantes das secas do sertão nordestino. De certo modo, os desenvolvimentistas consagravam a idéia da indolência do caipira, doente, fraco, miserável como o concebera Monteiro Lobato em obras como *Urupês* e *Cidades Mortas* e não em sua regeneração em *Zé Brasil*.

Freire procurava apresentar um conjunto de argumentos muito significativos sobre os valores culturais e a necessidade de se construir elos de ligação identitários, positividade das muitas contribuições culturais, representadas pela vontade de potência como a concebe Nietzsche<sup>8</sup>. Esses elementos sugeriram a recuperação histórica dos sujeitos culturais e sua incorporação positiva no processo de trabalho do educador/educando. Inúmeros foram os contributos do pensamento filosófico-pedagógico crítico nesse reconhecimento. Na própria comissão da unesco, Jean Piaget apresentava suas reflexões sobre os vários momentos do processo cognitivo das crianças. Dewey definiu o sentido da liberdade e, em outro contexto, a pedagogia de Jânuz Korjac era estudada como possibilidade de se estruturar na educação formal um sentido de justiça, de democracia, valorização da experiência histórica e da autoconfiança.

Essa efervescência fez com que inúmeros intelectuais organizassem debates que pudessem recuperar as experiências desenvolvidas, revolucionando o sentido dos projetos formulados pela unesco para a América Latina.

Um amplo campo de disputas abriu-se especialmente sobre a ação do Movimento de Educação de Base (MEB) que foi sendo explicitada ao longo de todo o período. Os conservadores passaram a considerá-la

subversiva, especialmente pela grande adesão da população ao programa, logo no primeiro ano de seu lançamento.<sup>9</sup> Muitos preferiram reafirmar a exclusão a correr o risco de verem libertados os milhares de jovens e adultos excluídos da cultura letrada.

Da experiência rememorada ficou um conjunto de valores e perspectivas que hoje é parte da formação de muitos educadores. Entretanto, seu manejo concreto no processo educacional ainda não se tornou prática efetiva e, desse modo, a escola formal ainda padece do estranhamento dos elementos da cultura popular e mesmo a historiografia não incorporou de modo efetivo as múltiplas experiências das camadas populares no processo de recuperação histórica. Assim, pode-se perceber que tanto os projetos como as escolas vocacionais e os colégios de aplicação são práticas abortadas num processo muito embrionário pelo obscurantismo imposto pela ditadura militar, cujo caráter doutrinário e homogeneizador pode ser avaliado na introdução das modalidades de controle e delação como efetivamente ocorreu nas escolas comunitárias no Vale do Ribeira de Iguape<sup>10</sup>, o Mobral, ou na criação de disciplinas como Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira, cujo conteúdo pretendido pode ser atestado pelos manuais didáticos disponibilizados ao público leitor das escolas e da seleção dos regentes de aulas dessas disciplinas. Uma das questões abertas naqueles processos programou um amplo movimento de integração da realidade social e da cultura, como elemento central no processo identitário desses sujeitos de modo a va-

<sup>9</sup> O programa destinava-se a três mil pessoas, mas foram inscritas 10 mil pessoas no lançamento da campanha, o que revela uma expectativa de direito ignorada pelos próprios mediadores. Sobre o Projeto Principal e a Campanha, ler: SOUZA, C.M. *Nenhum Brasileiro Fora da Escola*, São Paulo, FFLCH-USP, 1999. Dissertação de Mestrado.

<sup>10</sup> MARTINEZ, M. C. – *Superfície e Subterrâneo: Projetos Governamentais no Vale do Ribeira*. São Paulo, FFLCH – USP, 1996. Dissertação de Mestrado.

<sup>8</sup> NIETZSCHE, G. *La Gaia Ciencia*. México, Siglo XXI, 1976.

lorizar seus anseios; interesses, escolhas, memórias e opções culturais. Neles dever-se-ia fortalecer o sentido dos direitos e não a subserviência do favor. Neles qualificar os elos afetivos, as escolhas estéticas, o gosto culinário de tal modo que a valorização do cotidiano permitisse trocas enriquecidas e as descrições do vivido fossem transformadas em relatos, textos, desenhos e imagens fotográficas, assim como em trilhas sonoras capazes de libertar as mãos enrijecidas pelo trabalho para o manejo dos materiais destinados a leituras e escritas dos adultos. Para as crianças as histórias conhecidas e a libertação do corpo franzino e tímido com as danças, o jogo dramático e a capoeira.

## **História local e histórias de vidas**

As várias modalidades de ensino deveriam ser pensadas numa relação dialética entre a incorporação das memórias dos sujeitos participantes e a história crítica, cujo processo analítico permitiria a incorporação/negação da dimensão particular como fenômeno geral e homogêneo. Evidentemente, essa possibilidade supõe uma revisão historiográfica de fôlego, e seu objetivo deve envolver não apenas a comunidade dos historiadores<sup>11</sup>, mas também movimentos sociais e os educadores, a incorporação de um sentido de dever pelo reconhecimento da assimetria da relação educador/educando para se constituir a simetria cidadão/cidadão.

Esse sentido tem sido perseguido pela equipe de profissionais que hoje compõem o grupo de pesquisa História Local nos Processos de Alfabetização de Crianças, Jovens e Adultos no Município de Diadema. Essa equipe está formada por professores, diretores, assistentes pedagógicos do serviço de educação de Diadema, alunos de graduação, de pós-graduação do Departamento de História da FFLCH da USP e historiógrafos do Centro de Memória do município, sob minha coordenação.

<sup>11</sup> Entendemos comunidade dos historiadores no sentido atribuído por ANDERSON, B. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo, Ática, 1989.

Imbuídos da certeza da necessidade de incorporação, no processo de alfabetização, do universo cultural dos alunos, passou-se a buscar elementos para a construção de suas histórias de vida, partindo-se de questionamentos simples como a história do nome dos alunos, seu lugar de origem, as lembranças mais significativas, as atividades dos pais, seus sonhos etc. Esses elementos passaram a ser centrais na busca das noções significativas das experiências dos alunos na introdução dos sinais gráficos, da descoberta e reconhecimento dos múltiplos lugares de referência, nas noções de tempo, no encontro com dimensões da memória individual e coletiva das narrativas orais de pais e alunos.

A articulação entre esses elementos do vivido e a pesquisa histórica nos acervos documentais disponibilizados tanto nos museus e centros de memória dos vários municípios como nos arquivos do Município do Estado de São Paulo, permitiu a recuperação da história do lugar, de Diadema e dos elos agregadores nessa cidade, de histórias de muitos lugares. Daí resultaram um processo de pesquisa e a composição de uma história do município na grande região, e desta no país, pelo método retrospectivo, remontando às tradições anteriores à conquista e àquelas que tiveram origem nos remotos tempos coloniais.<sup>12</sup>

Também resultado dessa abordagem metodológica, definiu-se o uso de diferentes linguagens no processo de redescoberta da relação presente/passado/presente, expressa em fotos, desenhos, mapas, edifícios. A cultura material disponível transformou-se não apenas em ilustração de verdades discursivas, mas tornou-se material de ensino cuja compreensão seria fundamental na relação estabelecida. Tanto do ponto de vista da técnica como do

<sup>12</sup>Essa recuperação foi possível por projetos de iniciação científica bem recortados cuja monografia final destina-se à composição de livro acadêmico destinado aos professores e interessados na história do lugar. Sete estudantes de história, financiados pela Fapesp e PIBIC/CNPq, realizaram sob minha orientação as monografias mencionadas, capítulos do livro *Diadema e o Grande ABC, Dimensões Históricas*. São Paulo, Humanitas, 2001.

lugar histórico e social de sua produção, a cidade e suas representações tornaram-se objetos de conhecimento. Do mesmo modo, a música, o cinema e os relatos orais passaram a constituir modalidades documentais para a organização dos programas de curso e de crítica social. Evidentemente nesse processo de pesquisa, as novas tecnologias puderam servir como veículos da nova postura conceitual definida e a hipermídia auxiliou na organização do acervo disponibilizado ao usuário do projeto. Mas o centro dessa nova abordagem foi possível pela escolha da literatura e da narrativa como elementos centrais nos procedimentos escolhidos.

## **Contos históricos no processo de alfabetização**

Desse modo, para a leitura dos alunos optou-se pela criação de contos reunidos em dois livros: *Venturas e Aventuras do Menino Diadorim* e *Venturas e Aventuras do Moço Diadorim*. As narrativas tecidas e centradas nas histórias de vida e do lugar permitiram recuperar, na trama das tensões, os principais elementos constitutivos do imaginário social, das determinações históricas e da diversidade dos tempos em conflito contra o tempo linear do capital. Dentro do método progressivo/regressivo, proposto por Henri Lefebvre, os contos procuram recuperar o olhar dos alunos sobre o momento presente destacando os elementos cotidianos e a memória, ambos reveladores de suas origens. Inicia-se a aventura com o processo migratório, a chegada em São Paulo, os desafios do novo lugar e as descobertas do novo modo de viver. Desse modo, procura-se dar um sentido de aventura aos elementos simples do dia-a-dia colocando as experiências/possibilitando através do debate, da leitura, das artes plásticas, da música e do cinema em vídeo a dramatização dos elementos constitutivos desses sujeitos históricos, para que o conhecimento sobre o fazer-se da identidade e da história abra os possíveis para a superação dos dilemas do presente. Os contos abaixo são exemplos desse processo geral de pesquisa e produção de conhecimen-

tos a serem ensinados; são também articuladores do plano geral da escola e do projeto pedagógico escolhido.

## **A longa espera**

Na Estação do Norte começou um novo mundo. Quantas luzes coloridas! As casas eram empilhadas umas sobre as outras, bem altas, que chamavam de prédios. Diadorim sentia-se ainda menor, bem pequenino num lugar tão grande. Ficou com medo, tinha muita gente, parecia um formigueiro... Agarrou-se à perna da mãe querendo voltar para o trem.

– Vamos menino! Temos que chegar logo em Diadema!

A mãe pediu ajuda a um carregador que acompanhou a dupla até o metrô. Que susto! A escada andava para cima e para baixo. Não dava para subir ou descer. Depois de muita hesitação, muito empurra-empurra, entraram na escada rolante no meio da multidão. O menino delirava em meio a tantas novidades. O medo passara, e seus olhinhos procuravam guardar tudo o que via para decifrar os segredos desse novo lugar. Estranhou o barulho que era muito forte para quem vivera até então no sertão. Parecia um bando de abelhas zunindo em suas orelhas, ativando seus nervos e fazendo doer sua cabeça. A mãe nem pensava, com medo de se perder. Levava um papel escrito pelo carregador, com o nome do lugar onde deveria desembarcar, para pegar um ônibus que os levaria ao destino final. O ônibus tinha um nome estranho, trólebus. Ali estaria seu marido para levá-los finalmente ao lugar onde morariam até que a situação melhorasse.

– Onde está todo mundo? perguntou Diadorim quando o metrô começou a correr embaixo da cidade. Não tem mais nada, só este túnel, onde se escondeu toda a cidade?

A mãe também não sabia, mas procurou responder com coragem, para agradecer o menino.

– Este é um trem diferente. Não vê que se chama metrô! Logo mais o paíinho vai contar tudo para você.

A viagem foi tão rápida que não deu para acabar a frase. Uma mulher que os ajudara no embarque avisou que deveriam desembarcar e em seguida subir pela escada rolante do final do corredor. O alívio foi grande quando conseguiram colocar os dois pés nos



degraus que corriam para cima. A mãe quase perdeu o equilíbrio, mas Diadorim, que carregava a mala, empurrou a mulher pelo traseiro, ajudando-a a se manter em pé. Quando chegaram no alto, estavam em uma rua na frente do terminal de trólebus para Diadema. Embarcaram num ônibus que era amarrado em uma corda grossa e preta. Perguntou o que era e foi informado que se chamava cabo elétrico. Diadorim perguntou como o veículo amarrado poderia andar. O motorista disse que o cabo rolava pela corda movido a energia. Não entendeu, mas também não entendia quase nada naquele lugar. Quando a máquina parou o menino disse contente:

– Veja mainha, lá está o pai e mais um outro homem.

A mãe começou a correr e a chorar de alívio e alegria. Chegara sã e salva com seu filho, agora o marido cuidaria de tudo.

– Vamos moleque, dê aqui um cheiro em seu pai! Não chore minha nega! Aqui não é tão ruim assim. O barraco é pequeno, mas é melhor do que a seca do sertão!

– É sim comadre, depois tem muita gente amiga aqui, o serviço é muito e dá para encher a barriga de todos.

Caminharam pela noite clara e morna, a brisa estava calma, o céu estrelado. Ali não tinha tanta luz, havia menos gente e tudo parecia muito mais próximo e conhecido. Chegaram a um pequeno povoado que chamavam de bairro. Ao entrarem na nova casa, mãe e filho se abraçaram e sorriram contentes. Tinha uma cama grande com colchão e outra pequena. As roupas das camas eram novas. Havia uma pequena mesa num canto, quatro cadeiras e um pequeno objeto que o pai disse ser um fogareiro. Em cima estava uma panela grande cheia de sopa cheirosa, duas panelas pequenas, uma com água para o banho e outra com café. Na mesa os pratos estavam empilhados, um pouco de louça num pequeno balcão e canecas de vidro para beber. Ao lado da cama pequena, um caixote de madeira era para os livros e cadernos de estudos, dizia o pai explicando tudo. O menino olhava para ele com grande admiração! Seu pai sabia tudo, era forte e deixara, em cima da mesa, uma garrafa com água e dentro dela uma flor vermelha.

O cômodo era pequeno, mas estava muito bem arrumado. Havia ainda um balaio com pão embrulhado num papel e bananas maduras. Depois de um banho de água morna

esquentada no fogareiro de duas bocas, deitou na caminha e sentiu saudades da rede onde dormira desde que nasceu. Ouviu os carinhos do pai e da mãe e pensou que ela não iria mais chorar durante a noite!

Do ponto de vista da alfabetização dos adultos, procurou-se retratar o cotidiano de um trabalhador comum, com seus problemas, sonhos e responsabilidades. Desse modo a reflexão sobre o texto permite ao aluno entender sua realidade como social e mais ampla e ao escrever seu cotidiano lhe garante aportes cognitivos para o reconhecimento das letras num universo simbólico que lhe é comum. No conto seguinte procuramos criar uma situação motivadora mais geral relativa ao vivido dos estudantes e com ela estimular narrativas orais que possibilitem a reflexão em condições positivas, pois sua experiência é comum ao do personagem Diadorim, emprestado de Guimarães Rosa, já que em Diadema são muitas as histórias cujas origens nos remetem ao cenário da obra.

## A longa espera

Muitos meses separavam Zeca de sua família. Agora, finalmente, poderia matar a saudade da mulher e do filho que deixara em Quixeramobim. Mais de um ano sem ver a nega e o filho querido. Na seca do ano passado resolveu tentar a vida na cidade grande e partiu sozinho, para encontrar amigos que trabalhavam na fábrica de automóveis em São Bernardo do Campo, um município industrial em São Paulo.

Naquela manhã de sexta-feira levantou-se bem cedo. Retirou tudo do barraco para tomar sol. Varreu com vigor o chão de cimento rústico e lavou com água sanitária para ficar sem as manchas de barro vermelho. Queria que ficasse bem sequinho antes da chegada do compadre.

– Oh de casa! Gritou uma voz bem forte. Vamos trabalhar, compadre! – Entre, Diadorim, a porta está aberta.

– Que pressa, já está tudo lavadinho! O que vamos fazer primeiro?

O homem queria arrumar as camas. Uma bem grande, de casal e outra pequena, para o filho. Abriam as placas de papelão que protegiam as madeiras e passaram a estudar o sentido de cada peça, os encaixes dos parafusos, o lugar da cabeceira.

– Viver aqui é mais complicado né, Diadorim! Em Quixeramobim era só conseguir um gancho e estirar a rede.

– É, compadre, mas aqui é mais frio e não se aquece bem na rede. Além do mais, é mais gostoso namorar na cama, você vai ver!

– Será que o menino vai gostar daqui? Tenho medo deste lugar que é muito violento para criar meninos.

– É verdade, mas a gente vai ajudar e explicar tudo para ele. Depois, o padre Geraldo e as professoras da escola também sabem ensinar e proteger os pequenos.

– Onde estará a comadre agora?

– Deixe ver... ela saiu de Quixera há três dias. Foi de carro de boi até a vila e de lá seguiriam de caminhão até Pirapora, no sul da Bahia. De lá, pegariam o ônibus para Montes Claros, em Minas Gerais e só então, um trem para São Paulo. Vão desembarcar na Estação do Norte às sete horas da noite.

– Será que ela saberá fazer o percurso até o ônibus quando descer do trem?

– Não sei, – respondeu aflito. – Como será que ela vai se virar com a escada rolante, Diadorim? Quando cheguei fiquei um tempão para entender o que fazer. Além disso, ela vem com o menino e com as coisas da casa.

– Fique calmo, tudo vai dar certo.

As camas estavam montadas, com os colchões e os panos de dormir. Ligou o fogão, arrumou as cadeiras, a mesa e o armário com as poucas vasilhas de vidro que ganhara do amigo que trabalhava na Vidraria Santa Marina. Tudo azul clarinho, do jeito que a nega gostava tanto.

Olhou o relógio e ficou com pressa. O coração batia forte e até doía um pouco. Pensou em fazer comida para todos. O melhor seria fazer uma sopa, pois o dia estava frio e depois de uma viagem tão demorada, seria agradável tomar canja quentinha. Acendeu o fogão de duas bocas, cortou pedaços de frango, fritou com alho, cebola e sal. Picou duas batatas, uma cenoura e favas que ganhara do avô do Neco, que as plantara no quintal da casa. Colocou água, um tomate picadinho e finalmente um punhado de arroz.

O amigo tinha saído para tomar banho e voltaria para acompanhá-lo até o terminal do trólebus onde a família deveria finalmente chegar, às oito e meia da noite. Quando voltou, trouxe pão e uma penca de bananas, que foi colocada num balaio sobre a mesa.

– Compadre, você acha que eles vão gostar da casa?

– Claro, respondeu. Está tudo bem bonito aqui.

– Então vamos!

Quando iam fechando a porta, lembrou que faltava alguma coisa. Pegou uma garrafa, colocou água e uma flor vermelha que colheu do quintal da vizinha. Deixou o vaso carinhosamente improvisado sobre a mesa e saiu.

As perspectivas disponibilizadas pelos contos históricos são muito estimuladoras, uma vez que a leitura e a problematização estabelecidas em cada um deles permitem não apenas a recuperação das emoções, mas um processo contínuo de reflexões e da descoberta do pertencimento, pelas afirmações positivas entre experiências que permitem o fazer-se dos sujeitos sociais, na perspectiva thompsoniana, e o reencontro de um novo modo de produzir e pensar a história. Dela decorrem todos os outros componentes curriculares no processo de alfabetização, sempre centrado na relação entre o vivido e o concebido.

Conclui-se nesse processo, que se realiza também na perspectiva educacional, um reencontro com fértil momento de debates e de projetos experimentais interrompidos na década de 1960 pelo golpe militar. Mais ainda, como todo o projeto, contou com o aporte de novas tecnologias, os materiais de pesquisa foram inseridos num CD-ROM hipermídia, cuja estrutura em três dimensões permitiu a instalação dos contos no espaço de uma das escolas do projeto e a incorporação da produção dos alunos nas imagens e no cancionário do CD.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Todo o material compôs um kit distribuído para as escolas da rede municipal de Diadema, com 20 pranchas de mapas geográficos e históricos, 20 pranchas fotográficas de diferentes momentos, um livro acadêmico, dois livros de leituras, um guia do usuário, com todas as discussões teórico-metodológicas das diferentes linguagens utilizadas e um CD-ROM. Além disso, está em curso um processo de avaliação da proposta e dos materiais em rede. Para participar desse processo acesse o site [www.diadorim.org.br](http://www.diadorim.org.br).